O JORNALISMO DE MANUAL E O DESAFIO DAS NOVAS TECNOLOGIAS

Professor Doutor Toni André Scharlau Vieira
Leciona na Universidade Luterana do Brasil (Ulbra - Canoas, RS), como professor adjunto do Curso de Comunicação Social.*[xxvi]

RESUMO

Este texto é uma parte de minha tese de doutorado defendida em 2000 junto a Escola de Comunicações e Artes da USP. Ele se propõe a fugir dos esquemas explicativos definitivos e dialogar com os saberes múltiplos que compõem a realidade simbólica da humanidade. Diante do avanço das novas tecnologias e dos impasses da produção jornalística contemporânea, é bem mais produtivo investir nas possibilidades do conhecimento multidisciplinar e complexo. O diagnóstico feito aponta que é necessário repensar o modo de produção jornalístico como um todo, até para que se possa recolocá-lo como verdadeiro artífice da relação e da comunicação social. Ao negar suas características subjetivas, complexas e multifacetadas, o Jornalismo perde a oportunidade de atuar como um espaço que se coloca como organizador social e se propõe a utilizar a Internet como forma de ampliar a participação e a cidadania.

Palavras Chave: Jornalismo, Novas tecnologias, Cidadania

Ao realizar uma análise da cobertura jornalística dos veículos paulistas sobre o rodízio de automóveis implementado na capital de São Paulo em 1997, Cremilda Medina concluiu que a maioria das pautas são trabalhadas a partir de agendas oficiais tanto dos Governos como de outros organismos da sociedade civil. Ela identificava que raramente se criam novos significados ou se trabalha com significados reestruturadores a partir dos emitidos pelas fontes ditas consagradas. Na verdade, a pesquisa levantava novamente um tema com o qual Cremilda e uma série de outros jornalistas e pesquisadores brasileiros já vêm se ocupando há vários anos.

Parte deste comportamento surge em função da característica histórica do desenvolvimento dos meios que os aproxima dos segmentos de poder. Há um investimento alto

para ser feito quando do lançamento de um veículo. Alguém ou algum grupo acaba bancando o capital e depois cobra "fidelidade" de idéias.

Outro aspecto, também histórico, é a tendência ao princípio da categorização. Nos Estados Unidos, nossa principal referência em termos de técnica, desde o seu nascimento, o jornalismo já se fazia notar como dividido entre *story* (reportagem) e *comment* (opinião e/ou colunismo). E como a idéia de divisões e compartimentos tem bastante adeptos na cultura judaico-cristã (vide o mecanicismo de Newton e o positivismo de Comte) a categorização ainda é uma espécie de regra básica de um fazer jornalístico, digamos, técnico ou ainda ... industrial.

Como a tradição das Ciências Exatas está centrada em princípios autoritários e se institucionaliza como poder social, o jornalismo, ao se aproximar deste modelo, também institucionaliza a prática autoritária. Os princípios de participação, valorização das narrativas e diálogo que tiveram grandes experiências no jornalismo diário (como o trabalho de Charles Dickens, Tom Wolf, José Hamilton Ribeiro, entre outros) foram congelados. O público que na maioria dos casos era fonte de inspiração se transformou em consumidor passivo, mero receptáculo dos conteúdos legitimados e considerados verdadeiros pelas posições de poder.

Se no chamado nascimento do "jornalismo moderno"[2] já se podia visualizar que as diferenças entre opinião e informação eram mais estéticas do que filosóficas, imaginem hoje quando os interesses políticos e econômicos são muito mais presentes nos meios de comunicação. Devido à complexidade das relações e ao domínio de determinadas técnicas é cada vez mais difícil tratar a produção jornalística como práticas estanques, hierarquizadas ou separadas por noções como gêneros, angulações, entre outras.

Pode-se dizer, então, que a velha idéia de que *story* é sinônimo de objetividade (jornalismo informativo) e *comment* é exemplo de articulações subjetivas a partir de dados "objetivos" (jornalismo opinativo), não só está ultrapassada como nunca existiu. A não ser nos manuais de redação.

É compreensível o afã de dirigentes de empresas jornalísticas (profissionais jornalistas ou não) de criar categorias e níveis para organizar a "produtividade". A lógica capitalista pressupõe ordem para progredir. O positivismo de August Comte, baseado no cartesianismo, cristalizou comportamentos que até hoje norteiam as ações de várias organizações sociais. Quando se separa as atividades em etapas distintas, compartimentos (alguns até mesmo estanques), se está sendo fiel aos princípios mecânicos, chamados por alguns de "científicos".

O profissional eficiente é o que realiza tarefas, complexas ou não, com uma prática monocórdia, que chega aos limites da obviedade. Isto explica, em parte, a pasteurização das coberturas jornalísticas e esta espécie de pacto de mediocridade entre os profissionais e as empresas de comunicação.

Atuando como repórter é possível presenciar as combinações entre colegas para que as "informações" publicadas posteriormente através dos diversos veículos presentes a uma coletiva, por exemplo, não fossem distintas. A ordem implícita é um não furar o outro e preservar as fontes. Se for o caso de fazer uma reportagem de mais fôlego, só trabalhando de forma individual. É a tal de matéria exclusiva. Lógico que esta igualdade de "padrões técnicos" ou mesmo o "pacto" entre repórteres, não é admitido pacificamente nem pelos profissionais, nem pelas empresas.

Esta prática profissional baseada na produtividade assume, cada vez mais, contornos burocráticos. Diversos repórteres, acostumados por anos a freqüentar tanto palácios como favelas, acabam desenvolvendo raciocínios condicionados, diminuindo a criatividade mas se encaixando no conjunto de regras das empresas. O trabalho individual, de criador/fruidor de sentidos é asfixiado pela "organização" mental dos compartimentos que regram a produtividade profissional.

As lógicas desta produtividade, inclusive, foram transpostas quase que integralmente para o universo da Internet. Nas Home Pages não se vê, praticamente, nada mais do que textos no estilo mais tradicional do jornalismo diário (Pirâmide Invertida, Lide, etc.). Nos espaços que as empresas jornalísticas tradicionais disponibilizam na Internet só é possível ver alguma diferença do que está impresso na edição do dia ou a informação que já foi para o ar se você entrar em um dos links que aparecem na tela. Quase sempre o internauta é remetido para um arquivo ou outro texto da edição que fala sobre o assunto. São pouquíssimos os sites que trazem reportagens feitas especialmente para a WEB.

Na prática o que se vê é o modo de escrever dos antigos veículos transpostos para a Rede Mundial. Lógico que fenômeno semelhante aconteceu com o rádio e a televisão (usar o veículo mais próximo como referência), mas o que salta aos olhos que as mudanças e novidades em outras áreas estão se dando aos saltos após a Internet e o Jornalismo continua a trabalhar com as mesmas lógicas e com as mesmas regras e categorias.

A categorização e a divisão são uma espécie de tradição jornalística. Desde a separação por gêneros até as seções ou editorias, o trabalho dos jornalistas esteve sempre ligado a lógicas provindas da organização cartesiana. De uma certa forma o afã dos dirigentes das empresas era (e pode-se dizer que ainda é na maior parte das estruturas) a organização e a visualização das diferenças, dos pseudo-níveis de apreensão.

Ocorre que, apesar de as categorizações, em geral, apontarem para a identificação das diferenças, é inegável que o momento contemporâneo tem muito mais a ver com o trabalho de busca das semelhanças. Assim tem sido na política, na economia, na fábrica, na escola, na família, nas pesquisas. A interdisciplinaridade e a crise dos paradigmas estão aí para reforçar esta tese.

Um diagnóstico da produção jornalística contemporânea detecta com facilidade o cotidiano afastamento dos contextos onde a cidadania se manifesta e produz história. A prática está muito mais ligada aos universos fechados de determinados grupos organizados (fontes consagradas sejam da situação ou da oposição ao regime vigente) e ao espaço cativo da opinião expressa dos que representam o chamado quarto poder.

Vejamos alguns exemplos:

> **A postos**
> Marco Maciel deu uma ajudinha anteontem para a reforma do Judiciário.
> Como presidente em exercício, ele nomeou quatro juízes classistas para Florianópolis.
> Semana passada, a Comissão de Constituição e Justiça do Senado aprovou a extinção do cargo.
> ***
> **Queda de braço**
> Causou mal-estar no Ministério do Meio Ambiente a publicação no Diário Oficial da nomeação da nova presidente do Ibama, Marília Marreco.
> Indicada pelo ministro Zequinha Sarney, ela foi designada por FH "interinamente" para o cargo.
> ***
> **Fauna privilegiada**

> O governador Zeca do PT está levando às últimas conseqüências sua disposição de coibir a pesca predatória no Pantanal.
>
> Há uma semana, convocou o Batalhão Florestal para dar escolta policial a um cardume de pintado que subia o Rio Taquari para se reproduzir. [3]

Nestes textos de Ricardo Boechat se percebe o protagonismo das fontes ligadas ao poder constituído. Ainda que não se realizasse uma crítica contundente sobre os fatos relatados, ficam claros os tons irônicos e até o sarcasmo. Do ponto de vista até mesmo sociológico ou no viés da teoria crítica, poderia ser feita uma análise apontando os possíveis apoios do colunista a esta ou àquela ideologia e até mesmo à autocensura. Aqui o nível de interesse é voltado para a produção jornalística e os reflexos das categorizações impostas pelas rotinas de trabalho sobre ela. No caso de Boechat, portanto, o importante é compreender a característica de "fora dos padrões" que o texto dele possui, quando comparado com os demais, inclusive aqueles ditos "puramente" informativos.

Nos manuais e gramáticas de interpretação do Jornalismo o trabalho de Ricardo Boechat (reproduzido acima) é qualificado como opinativo. Para enquadrá-lo desta maneira se ignora, por exemplo, que o conteúdo apresentado depende de informação e, na maioria das vezes, de reportagem. É possível ver, inclusive, a divulgação de informações chamadas exclusivas somente no espaço do chamado colunista, sem nenhuma menção no restante do jornal.

Ao mesmo tempo é cada vez mais comum a estrutura das redações de veículos impressos e eletrônicos pautarem e serem pautadas pelos colunistas. Disto se deduz: se são pautados, os colunistas também são repórteres (ainda que ditos "especiais"); se pautam a redação, transformam-se em pauteiros. Em todos os casos estão inseridos no contexto cotidiano da produção jornalística. Ao que tudo indica, portanto, vai longe aquele tempo em que os colunistas eram literatos frustrados ou não, gente especializada numa área e com público cativo.

No novo perfil de consumo da produção jornalística começa a subir na cotação o conceito de autoria, de ampliação das noções de jornalismo de profundidade. Não se trata de um simples embaralhamento de informação e opinião, ao contrário, no âmbito das gramáticas e manuais publicados permanece a dicotomia, só que na prática cotidiana as coisas não estão tão claras, o que permite a valorização dos profissionais que se colocam como "opinadores" bem informados e

em condições de realizar as reportagens tradicionais (aquelas com bloco de papel e caneta ...) e publicá-las sem o estigma da opinião expressa..

Em uma recente palestra à Sociedade Americana de Editores de Jornais[3], o presidente da Intel (uma das companhias de alta tecnologia mais bem-sucedidas no mundo), Andy Grove afirmou que as empresas jornalísticas precisam investir na cobertura "interpretativa", que mostra o contexto dos fatos jornalísticos, se quiserem sobreviver à avalanche de informações disponíveis na Internet. Grove falou em coberturas com profundidade. Parece óbvio que as atuais fórmulas praticadas nas redações não permitem o aprofundamento necessário apontado não só pelo presidente da Intel, mas por grande número de experientes jornalistas do Brasil e do exterior.

Os consumidores de informação se mostram mais inclinados para a absorção de conteúdos não propriamente opinativos, mas de autoria[4]. Não é o mesmo que o jornalismo de tribuna do século passado, é a informação trabalhada com a responsabilidade do autor que realiza investigação e cria um vínculo com os receptores. Não se trata propriamente de uma personalização.

A avaliação é de que o comportamento do consumo se dá devido ao grande volume de informação disponível. A inclinação do receptor é pelo consumo de produções que, embora não possam ser chamadas de personalizadas, preocupam-se com o indivíduo/sujeito que as consome cotidianamente.

Esta realidade se coloca como um novo fundamento do jornalismo que põe em cheque os antigos conceitos de objetividade ligados ao chamado gênero informativo e a liberdade ampla de juízo de valor atribuída e aceita no âmbito do gênero opinativo. É uma situação em que os profissionais (e as empresas também) se colocam diante de uma questão semelhante à revelada por Drummond: “Se procurar bem, você acaba encontrando não a explicação (duvidosa) da vida, mas a poesia (inexplicável) da vida.” [5]

Encontrar a “poesia da vida” neste caso seria superar a compartimentalização, promover o diálogo e dialogar com as diferentes formas de produzir sentido em jornalismo. Mas enquanto os profissionais seguirem buscando a explicação (duvidosa) da vida (que para muitos deles é única) sem se preocuparem com a reestruturação e a renovação dos sentidos, o Jornalismo continuará sendo apenas o “quarto poder” de plantão.

A produção jornalística contemporânea, assim, apesar do jaez de fiscalizadora, investigadora, tem seu raciocínio baseado em conceitos emanados do senso comum. O que

poderia ser uma procura para a reestruturação de significados torna-se administração parcial dos conteúdos produzidos nas instâncias de poder. Há não só uma irresponsável renúncia ao trabalho complexo de apreensão dos acontecimentos contemporâneos, como também uma busca para justificar procedimentos a partir do raciocínio judicativo do conjunto de rotinas de trabalho que acabam por construir uma lógica simbólica conservadora e legitimadora das fontes consagradas, seja do Governo ou da oposição.

Mais do que esmiuçar aspectos pontuais e particulares, esta análise e debate sobre o fazer jornalismo na contemporaneidade é muito mais um exercício de reflexão e de proposição de sentidos e busca de estratégias. Longe de fazer diagnósticos, o que se pretende é apontar bases para uma compreensão que ultrapasse o conjunto de normas vigentes e invista na dialogia, capacidade que, uma vez renunciada, torna o jornalismo inócuo e impossibilitado de atuar (refletindo a complexidade social) de forma polimórfica e polissêmica.

No jornalismo contemporâneo as empresas e os profissionais estão cada vez mais pressionados por sentimentos e afetividades que não concordam com as razões do poder construídas ao longo de anos de tradição do paradigma científico-tecnicista, responsável, entre outras coisas, pelo discurso de atualidade que norteia o fazer jornalístico. Na prática temos uma produção jornalística ancorada em conceitos gestados a partir do século XVI, que consolida uma experiência transmissiva, contrapondo-se aos princípios plurais de uma sociedade que, cada vez mais, se vê como complexa e hipermatizada.[6]

Enquanto a sociedade vai se mostrando cada vez mais fora do esquematismo óbvio que norteia a racionalidade ocidental, o jornalismo segue a fórmula da sua linguagem dogmatizadora, buscando aprisionar a produção de sentidos da contemporaneidade. Os significados plurais emanados do corpo social são transformados pela lógica jornalística em esquemas, relatos que buscam a legibilidade única dos fenômenos.

Este tipo de lógica, racionalizada ao extremo, afasta as subjetividades que não se encaixam em um modelo onde o princípio de informar se confunde com o de difundir. Transmitir uma idéia de *verdade absoluta* que é propriedade do transmissor/emissor e que, para ele, é a mais justa, a mais perfeita e incontestável. Na busca da legibilidade objetiva e objetivante os profissionais passam ao largo dos viveres alternativos, das experiências coletivas e das estratégias que não se encaixam nos programas fechados dos círculos de poder.

Como fazer, o jornalismo termina, portanto, distanciando-se da maioria da sociedade. Assume, no entanto, uma condição de ente "temível", que pode prejudicar alguém ou algo, é a idéia de *quarto poder*. Na prática a atividade é muito mais subserviente aos donos do poder do que seus possíveis fiscalizadores. Vez por outra surge alguma questão particular que coloca os meios na posição de julgadores, os que apontam os erros alheios ou lhes dão visibilidade pública, podendo, momentaneamente, assumir uma posição de maior confronto com os poderes sociais constituídos ou não.

No jornalismo norte-americano e no europeu esta questão é muitas vezes mais aguda. Isto porque a idéia de quarto poder se tornou uma instituição social e grande parte da população vê os meios como entidades. É famosa a frase de Thomas Jefferson: "se me fosse dado decidir se devemos ter um Governo sem jornais ou jornais sem Governo, não hesitaria um momento em preferir a última." Na Europa as frases feitas não são tão famosas, mas um grande pesquisador italiano contemporâneo aponta o problema do vai e vem entre o vínculo explícito com os governantes ou a oposição absurda de quem praticamente exige governar no lugar dos que foram escolhidos pelo povo para esta tarefa.

> "Com il gusto del paradosso si potrebbe affermare che il giornalismo italiano rischia di passare dalla felice subalternità al sistema politico all´infelice centralità in "macchine informative" le cui dinamiche nella costruzione dell´agenda pubblica stenta governare."[7]

São vários os exemplos europeus onde se registra esta relação de amor e ódio entre os meios e os governantes. Pode-se destacar o caso francês, quando o herói da resistência nazista Charles De Gaulle apóia a fundação do Le Monde para se contrapor ao que qualificava de imprensa comprometida com os colaboradores do terceiro Reich durante a ocupação. E depois, durante o governo Miterrand, a coleção de casos de aproximações e afastamentos ditados pelo sabor do mercado, com direito ao esquecimento de escândalos e ocultação de informações importantes para a população. Sem falar no poder de veto dos governantes que podiam escolher os jornalistas que fariam entrevistas ou reportagens, como denunciou Serge Halimi.[8]

O jornalismo, não só o brasileiro, mas mundial, não dá a devida importância para o fato de que a produção de sentidos contemporânea é multifacetada, complexa e cheia de conflitos.

Diferente da literatura e de outras áreas mais arejadas da produção humana, o jornalismo permanece com poucos poros, absorve pouco, troca pouco e se apega em demasia ao conjunto de regras que moldou e aprendeu a seguir.

Para apreender e de certo modo decifrar aspectos da realidade o jornalismo se entrega (e se impregna) a fórmulas que ignoram variáveis, pois a operação mental (única) desejada é a de passar por cima das dúvidas. No imaginário jornalístico contemporâneo (na maioria dele) a segurança e a competência para difundir e esclarecer os acontecimentos passa pela manutenção de alguns dogmas que vão desde a quimérica objetividade até a enganadora idéia de um trabalho polissêmico quando se abre, apenas, espaço para as vozes de fontes consagradas. Esquece-se da riqueza que a pluralidade humana pode trazer para o dia-a-dia profissional, renunciando as energias criativas que podem emular estratégias vivas e fora das conceituações reducionistas mostrar a força das ações humanas que são muito maiores e destacadas que o universo objetivista e unívoco, impossibilitado de interpretar a afetividade dos seres.

Assim, para além da prática que, na maioria das vezes, impede a problematização dos diversos aspectos que compõem o real, existe não só a potencialidade, mas a necessidade de mudanças. Ao invés de permanecer investindo na produção, reprodução e ampliação de recursos e práticas discursivas que só fazem estabilizar o que existe, é possível encarar as incertezas, dialogar e utilizar de forma plena as questões subjetivas. O Jornalismo não pode continuar perdendo de vista que a sua produção é feita de sujeitos para sujeitos e que a afetividade é chave para promover a compreensão do contemporâneo.

Neste embate não podem existir conceitos pré-dados e tampouco regras intangíveis ou receitas fáceis. Conviver com as incertezas é não renunciar à condição humana que ontologicamente constrói uma relação complexa entre os indivíduos, os sujeitos sociais. O jornalista contemporâneo só será autêntico e digno de atuar no campo da conflitualidade e da complexificação social quando compreender que somente as estratégias (permanentemente repensadas) podem evitar os monopólios de saber e as receitas que, na sua base, só servem para falsear o trabalho humano e negar a plena utilização da subjetividade que, por ser complexa e multifacetada, é a principal proposição para superar a tendência a simples transmissão e investir de maneira tranqüila na relação.

Referências bibliográficas – citações

[1] Situo isto, historicamente, no período que vai do nascimento (década de 1830) a consolidação do sucesso (1890) da chamada *Penny Press*, além da experiência do jornalismo amarelo.

[2] Coluna do Ricardo BOECHAT no Jornal O Globo do dia 23/04/99.

[3] O Estado de S. Paulo –http://estadao.com.br/jornal/99/04/17/news079.html. Sábado, 17 de abril de 1999.

[4] Esta é uma análise particular baseada em uma série de fatos recentes que apontam esta tendência. Um exemplo disto é o ingresso dos gigantes do comércio de informações no mundo, as agências de notícias, no serviço de provimento de informações para portais da Internet. O portal brasileiro IG, por exemplo, antes mesmo de estar totalmente terminado já havia contratado uma série de jornalistas e articulistas conhecidos pela qualidade do seu texto e pelo nível de profundidade das suas reportagens.

[5] Carlos DRUMMOND DE ANDRADE. "Lembrete" IN: http://www.geocities.com/sunsetstrip/stadium/5813/ff, 10/01/2000.

[6] Os meios de comunicação (apesar do seu padrão puramente transmissor) têm registrado um sem número de situações onde setores marginalizados ocupam tempo nas televisões para refletir o confuso e caótico mundo em que vivemos. Um exemplo disto foi a matéria do repórter Caco Barcellos veiculada no programa **Fantástico** no dia 27 de fevereiro onde um traficante foragido mostrava toda a crueza do seu "trabalho", seu arrependimento e também sua "necessidade" de levar uma vida de fora-da-lei. Tudo muito distante do discurso linear e pouco criativo dos grandes meios de massa.

[7] "Com um jeito paradoxal se poderia afirmar que o jornalismo italiano corre o risco de passar da feliz subalternidade ao sistema político à infeliz centralização como "máquina informativa" cuja dinâmica na construção da agenda pública tenta governar." Carlo SORRENTINO. I percorsi della notizia – La stampa quotidiana italiana tra politica e mercato. Bologna, Baskerwille, 1995, p. 195.

[8] Estas informações sobre o jornalismo francês estão detalhadas em Serge HALIMI. Os novos cães de guarda. Petrópolis, Vozes, 1998.

BIBLIOGRAFIA

ABRAMO, Claudio. A regra do jogo: o jornalismo e a ética do marceneiro. São Paulo. Companhia das Letras, 1988.

AGUDIEZ CLAVO, P. "Editorialización y frivolización del discurso periodístico." In Comunicación y Pluralismo. Actas del I Congresso Internacional (Salamanca, del 25 al 27 de noviembre de 1993), Universidad Pontificia de Salamanca, 1994, p. 332.

ALBERTOS, José luis Martínez. Curso general de redaccion periodistica. Barcelona, Editorial Mitre, 1983.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. Comunicação. Trama de desejos e espelhos. Canoas, Editora da ULBRA, 1996.

BECHELLONI, Giovanni. Giornalismo o post-giornalismo. Napoli, Liguori Editore, 1995.

BELTRÃO, Luiz. Jornalismo Opinativo. Porto Alegre, Sulina, 1980.

_____. Jornalismo Interpretativo. Porto Alegre, Sulina, 1976

BENEYTO, Jose Vidal e IMBERT, Gérard (orgs.). El País – O la referencia dominante. Barcelona, Editorial Mitre, 1986.

BERGER. Peter L e LUCKMANN. Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis, Vozes, 1985.

BOECHAT, Walter. Mitos e arquétipos do homem contemporâneo, Petrópolis, Vozes, 1996.

BRAGA. José Luiz. "Varejo". CD ROM, texto apresentado para debate no GT Comunicação e Política na VIII Compós – 8º Encontro Anual da Asssociação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação, Belo Horizonte- MG, junho de 1999.

CAMPBEL, Joseph. Herói de mil faces. 5ª edição, São Paulo, Cultrix, 1999..

_____. As máscaras de Deus – Mitologia primitiva. São Paulo, Palas Athena, 1992.

_____ e MOYERS, Bill. (org. FLOWERS, Betty Sue) O poder do mito. São Paulo, Palas Athena, 1990.

CAPRA, Fritjof. A teia da Vida. São Paulo, Cultrix, 1996.

_____. Sabedoria Incomum. São Paulo, Cultrix, 1988.

CASASÚS, Josep Maria e LADEVÉZE, Luiz Nuñez. Estilo y gêneros periodísticos. Barcelona, Ariel Comunicación, 1991.

CERTEAU, Michel. A invenção do cotidiano – Artes de Fazer. Petrópolis, Vozes, 1996.

CHAPARRO, Manuel Carlos. Pragmática do Jornalismo. Buscas práticas para uma ação jornalística. São Paulo, Summus, 1993, p 108.

CHISHOLM. Roderick M. Teoria do Conhecimento. Rio de Janeiro, Zahar, 1974.

CONTRERA, Malena Segura. O mito na mídia – a presença de conteúdos arcaicos nos meios de comunicação. São paulo, Anna Blume, 1996.

CRUZ, Maria Tereza. "A Estética da recepção e a crítica da razão impura". IN Revista de Comunicação e Linguagens, Lisboa, Junho de 1986.

DEL CORNO, Dario. “Ma ti sei accorto che sei un mito?” In: Il sole 24 hore, nº 140, Milano, Itália, 24 de maio de 1998.

ECO, Umberto. Lector in Fábula. São Paulo, Perspectiva, 1986

ECO, Umberto. Leitura do texto literário - lector in fabula. A cooperação interpretativa nos textos literários. 2 ª edição. Lisboa, Editorial Presença, 1993

ELIADE, Mircea. O Sagrado e o profano – A esssência das religiões, São Paulo, Martins Fontes, 1996.

ELIADE, Mircea. Aspectos do mito. Lisboa, Edições 70, 1989.

ELIADE, Mircea. O mito do eterno retorno. Lisboa, Edições 70, 1993.

ELIADE, Mircea. Imagens e Símbolos – Ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso. São Paulo, Martins Fontes, 1996.

ELIADE, Mircea et alli. O Poder do Mito. Coleção O Poder do Poder. São Paulo, Editora Martin Claret, 1996.

FONTCUBERTA, Mar de. La noticia – pistas para percebir el mundo. Barcelona, Ediciones Paidós Ibérica S.A., 2ª impressão, 1996.

GARCIA, Luiz (org). O Globo. Manual de redação e estilo. 16ª edição, São Paulo, 1992b.

GRECO, Milton. Interdisciplinaridade e revolução do cérebro. São Paulo, Pancast Editora, 1994.

GUATARRI, Felix e DELEUZE, Gilles. Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia. Vol. 1, Rio de Janeiro, Editora 34, 1995.

GUATARRI, Felix. Revolução molecular: pulsação política do desejo. São Paulo, Brasiliense, 1981.

HABERMAS, Jürgen. Mudança estrutural na esfera pública. Investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1984.

_____. Teoria de la acción comunicativa I - racionalidad de la acción y racionalización social. Madrid, Taurus,1988.

_____. Teoria de la acción comunicativa: complementos y estudios previos. Madrid, Ediciones Cátedra, 1994.

_____. Storia e critica dell' opinione pubblica. Roma, Editori Laterza, 1998, 5ª edizione.

HALIMI, Serge. Os novos cães de guarda. Petrópolis, Vozes, 1998.

HOBSBAWM, Eric. A era dos Extremos - O breve século XX 1914-1991. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

JUNG, Carl Gustav (org.). O homem e seus símbolos. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, s/d.

KANT, Immanuel. Crítica da Razão Pura. (coleção Os Pensadores), São Paulo, Editora Abril, 1983.

LIMA, Edvaldo Pereira. El periodismo impresso y la teoria general de los sistemas: um modelo didatico. México, Trillas, 1991.

_____. Colômbia, espelho América. São Paulo, Perspectiva/Edusp, 1989.

_____. Páginas ampliadas - o livro reportagem como extensão do jornalismo e da literatura,. São Paulo, Editora da Unicamp, 1993.

_____. (org.). Econautas - Ecologia e Jornalismo Literário Avançado. Canoas, Editora da ULBRA, 1996.

LIMA SOBRINHO, Barbosa. O problema da Imprensa. 3ª edição. São Paulo, Edusp/Com-Arte, 1997.

MAFFESOLI, Michel. A contemplação do Mundo. Porto Alegre, Artes & Ofícios, 1995.

MAFFESOLI, Michel. No fundo das aparências. Petrópolis, Vozes, 1996.

MARCONDES FILHO, Ciro Juvenal. Jornalismo fin-de-siécle. São Paulo, Scritta, 1993.

MARQUES de Melo, José A opinião no Jornalismo Brasileiro. Petrópolis, Vozes, 2ª edição revista, 1994.

MARTINS, Eduardo. Manual de redação e estilo – O Estado de S. Paulo. São Paulo, O Estado de S. Paulo, 1990.

MATELART, Armand. Comunicação mundo. Petrópolis, Vozes, 1996.

MEDINA, Cremilda. Notícia: um produto à venda – jornalismo na sociedade urbana e industrial. 2ª edição, São Paulo, Summus, 1988.

_____ e LEANDRO, Paulo R. A Arte de tecer o presente. São Paulo, média, 1973.

_____. Saber plural – estratégias inter e trans disciplinares) xerox, 1992.

_____. (org.) Novo Pacto da Ciência, a crise dos paradigmas, 1º seminário transdisciplinar - anais. São Paulo, ECA/USP, 1991.

_____. Povo e Personagem. Canoas, Editora da ULBRA, 1996.

_____. Símbolos e narrativas – rodízio 97 na cobertura jornalística. São Paulo, Secretaria de Estado do Meio Ambiente, 1998.

_____. Narrativas a céu aberto – modos de ver e viver em Brasília. Brasília, editora da UnB, 1998.

MEDINA, Cremilda & GRECO, Milton (orgs.) Novo Pacto da Ciência 2, Do Hemisfério Sol a Ciência escuta outros discursos - Arte, Teologia e Ética - para vencer a fragmentação. São Paulo, ECA/USP, 1993.

MEDINA, Cremilda & GRECO, Milton (orgs.) Novo Pacto da Ciência 3, Saber Plural. São Paulo, ECA/USP, 1994.

MEDINA, Cremilda & GRECO, Milton (orgs.) Novo Pacto da Ciência 4, Sobrevivências no mundo do Trabalho. São Paulo, ECA/USP, 1995.

MEDINA, Cremilda & GRECO, Milton (orgs.) Agonia do Leviatã; a crise do Estado moderno. São Paulo, ECA/USP; CNPq, 1996.

MIGUEL, Amando de. Sociologia de las paginas de opinion. Barcelona, ATE, 1982.

MORIN, Edgar. Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo - II: necrose. (colaboração de Irene Nahoum). 2ª edição, Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1986.

MORIN, Edgar e Anne Brigette Kern. Terra-Pátria. Porto Alegre, Sulina, 1995.

_____. Para sair do Século XX. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.

_____. Introdução ao Pensamento Complexo. Lisboa, Instituto Piaget, 1991.

_____. Meus demônios. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1997.

_____. O problema epistemológico da complexidade. Mira-Sintra (Portugal), Publicações Europa-América, s/d.

_____. Sociologia – A sociologia do microssocial ao macro planetário. Lisboa, Europa América, 1995.

OLINTO, Antonio. Jornalismo e literatura. Rio de Janeiro. Edições de Ouro, 1968.

ORTIZ, Renato. Cultura brasileira e identidade nacional. São Paulo, Brasiliense, 1985.

_____. A moderna tradição brasileira. São Paulo, Brasiliense, 1988.

_____. Mundialização e Cultura. São Paulo, Brasiliense, 1994.

PALACIO, Juan Gutierrez. Periodismo de opinion - redaccion periodistica e seleccion de textos. Madrid, Paraninfo, 1984.

PRIGOGINE, Ilya,. O fim das certezas. São Paulo, Editora da Unesp, 1996.

RESENDE, Fernando Antonio. O devenir dos discursivos: o ficcional e o factual no novo jornalismo de Tom Wolfe. (xerox) Dissertação de mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras – estudos Literários – da UFMG, 1995.

RESTREPO, Luis Carlos. O Direito à ternura. Petrópolis, Vozes, 1998.

RIBEIRO, Darcy. O povo brasileiro. A formação e o sentido do Brasil. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

ROLNIK, Suely. Cartografia sentimental. São Paulo, Estação Liberdade, 1989.

SAGRERA, Martín. Mitos y sociedad, Barcelona, Labor, s/d,

SANCHEZ, Jose Francisco e LOPÉZ, Fernando. "Tipologias de gêneros periodisticos en España. Hacia un nuevo paradigma". (xerox) Universidade de Navarra, Pamplona, Espanha, 1999.

SANTAMARIA SUAREZ, Luisa. Gêneros para la persuasión en periodismo. Madrid, 1997.

SANTOS, Boaventura Souza. Pela mão de Alice – o social e o político na pós modernidade. São Paulo, Cortez, s/d.

SANTOS, Milton. Técnica, Espaço, Tempo - Globalização e Meio Técnico-Científico Informacional. São Paulo, Hucitec, 1994.

SODRÉ, Nelson Werneck. História da imprensa no Brasil. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966.

SORRENTINO, Carlo. I Percorsi della Notizia – La stampa cotidiana italiana tra politica e mercato. Bologna, Baskerville, 1995.

SUÁREZ, Luisa Santamaría. Géneros para la persuasión en periodismo. Madrid, Editorial Fragua, 1997.

TARDE, Gabriel. A opinião e as massas. São Paulo, Martins Fontes, 1998.

TRAQUINA, Nelson. *Jornalismo*: questões, teorias e "estórias". Lisboa: Vega, 1993.

VARELA. Francisco J. et alli. Las ciencias cognitivas y la experiencia humana. Barcelona, Editorial Gedisa, 1992.

VARELA. Francisco J. e ROSCH, E. Thompson. De cuerpo presente. 2ª edição, Barcelona, Editorial Gedisa, 1997.

VARELA. Francisco J. Conocer – Las ciências cognitivas: tendências y perspectivas. Cartografia de las ideas actuales. Barcelona, Editorial Gedisa, 1996.

VILARNOVO, Antonio e SÁNCHEZ, Jose Francisco. Discursos, tipos de texto y comunicación. 2ª edição, Pamplona, Espanha, Ediciones universidad de Navarra, 1994.

ZERO HORA. Manual de ética redacional e estilo. Porto Alegre, L&PM, 1994.

WOLF, Mauro. Gli Effetti sociali dei media. Milano, Bompiani, 1992.

WOLF, Mauro. Teorias da comunicação. Lisboa, Editorial Presença, 4ª edição,1995.